

Produção e manutenção de impérios por meio das práticas familiares de elites

Producción y mantenimiento de imperios mediante prácticas familiares de élites

Isabel Schapuis Wendling

Mestra em História, Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: isabel.wendling@live.com

 0009-0001-5104-4738

RAMOS-ZAYAS, Ana. Crianza de imperios: clase, blanquitud y la economía moral del privilegio en América Latina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso, 2023. 401p. Tradução de: Sofia Maranesi.

DOI: 10.18616/rdsd.v10i2.9058

Recebido: 16/07/2024

Aprovado: 30/10/2024

1. Produção e manutenção de impérios por meio das práticas familiares de elite

O livro *Crianza de imperios*, de autoria de Ana Ramos-Zaya, traduzido do inglês (original) para o espanhol por Sofia Maranesi, faz uma análise antropológica sobre a criação de impérios pelas elites urbanas latino-americanas através de práticas cotidianas cosmopolitas regidas pela parentalidade e pela educação das crianças. A obra permite entender como essas elites forjaram, por meio da moral neoliberal e segregadora, os espaços de privilégio da branquitude e de classe social ocupados por essas pessoas.

Ana Ramos-Zaya é graduada em Economia e em Estudos Latino-americanos pela Universidade de Yale e possui doutorado em Antropologia Social pela Universidade de Columbia. Atualmente, é professora na Universidade de Yale, lecionando na área de Estudos Latino-Americanos e em Antropologia Social. O livro *Crianza de imperios* foi publicado originalmente em 2020, em inglês. Sua tradução para o espanhol possibilitou a divulgação da obra entre pesquisadores latino-americanos.

No primeiro capítulo do livro, a autora enuncia a seguinte problemática: Como conseguiram as elites brasileiras e porto-riquenhas urbanas desfrutar de seus privilégios e que motivos éticos e morais empregaram para justificar as desigualdades sociais e raciais presentes nas mencionadas sociedades? (Ramos-Zaya, 2023, p. 20)

A partir deste questionamento, ela procurou compreender como se construíam essas elites em termos socioculturais. Ela realizou uma pesquisa de campo por meio de entrevistas realizadas com famílias do bairro de Ipanema/Rio de Janeiro, no Brasil, e de famílias do bairro El Condado/San Juan, em Porto Rico, em um estudo comparativo e relacional, entre os anos de 2012 e 2017. Segundo ela, a escolha das famílias a serem investigadas ocorreu tanto pelo processo de aproximação dos espaços que ocupavam, como por meio de redes de relações, a chamada "bola de neve". A autora embasou seu estudo em pesquisadores na linha de Henry Lefebvre para debater a questão dos espaços e lugares e sua relação com a cultura, a sociabilidade e a política local. Também empregou a categoria de *habitus* utilizada por Norbert Elias e Pierre Bourdieu para discutir o tema da construção das identidades e os relacionou com a categoria de parentalidade para debater as práticas de criação e manutenção de impérios por famílias de elite.

O livro contém sete capítulos e um epílogo. O primeiro capítulo - *La crianza de imperios y la economia moral del privilegio en Brasil y Puerto Rico* - é, de fato, uma introdução à pesquisa. Nele, a autora apresenta o problema, os objetivos, metodologia e estado da arte (já abordados acima). No segundo e no terceiro, a autora apresenta e contextualiza, respectivamente, seus estudos entre as elites de Ipanema/Rio de Janeiro e El Condado/San Juan. Nos capítulos seguintes, foca as práticas cotidianas de parentalidade por essas elites. No capítulo 4, mira as práticas de "interioridade" e de "autoconhecimento",

Wendling

Produção e manutenção de impérios por meio das práticas familiares de elite

que traduzem, no agir “desde dentro”, branquitude e privilégios. No capítulo 5, analisa as escolhas educacionais, a escola como espaço para educar as elites brancas. No capítulo 6 - *La familia extensa* -, discute as relações familiares, geracionais e hierárquicas das elites. Por fim, no capítulo 7 - *Desigualdades afectivas* -, discute os trabalhos dos cuidados das crianças das elites por pessoas negras ou periféricas.

Ramos-Zaya estuda a construção da moral do privilégio das elites brancas latino-americanas. Ela analisa as narrativas dessas pessoas, que reconheceram seu espaço de privilégio e não buscaram exaltar a própria riqueza através do consumismo. A autora aponta, então, como a moralidade foi elaborada, e o faz a partir de discursos parentais acerca da maneira de educar e criar os filhos. Suas justificativas de viver em bairros abertos, movimentados e com turismo, se sustenta na ideia da moral cosmopolita.

Tanto em Ipanema, quanto em El Condado, incentiva-se a criar os filhos das elites em espaços ao ar livre, em que se cuida do corpo e do espírito, e se exige que esse espaço seja seguro e limpo. Assim é que constroem o que a autora chama de “nós de urbanismo”. Nesses lugares, as elites praticam exercícios ao ar livre na calçada; jogam vôlei de praia e levam as crianças para brincar. Muitos no Brasil almejam morar em Ipanema, mas, quem realmente pode acessar esses espaços?

No caso de Ipanema, Ramos-Zaya mostra como ocorreu a mobilização das famílias para a construção desses espaços para as crianças, com a preocupação de que, além do ar livre, estivessem a salvo dos males morais e dos perigos sobre os corpos. Ipanema, que se tornou uma praia muito popular, passou a ter espaços privados, construídos para que as crianças de elite se sentissem protegidas. Essas crianças vão à praia acompanhadas de suas babás (das que só ocupam essas funções em Ipanema enquanto trabalhadoras). Isso porque, em base a um racismo apoiado em uma narrativa moralista sobre educação e criação de crianças, essas famílias percebem as pessoas jovens negras e periféricas como sem moral, inclinadas ao crime. Seu acesso aos espaços reservados às elites é por estas pressentido como perigo moral e físico. Tais percepções evidenciam como ocorre a diferenciação não necessariamente material e consumista do privilégio, mas com base na educação e na criação, que separa crianças de elite de crianças pobres.

Dentre as práticas cotidianas presentes junto a esses grupos ou categorias de pessoas, Ramos-Zaya tem observado sua atuação e seu posicionamento político. Na pesquisa realizada no Brasil, em que enquadrou o período do primeiro e do segundo mandato do governo de Dilma Rouseff (PT) e, em Porto Rico, o da crise política de endividamento, a autora percebeu a dicotomia das narrativas dos pais e mães dessa categoria. Estes, que inicialmente se colocavam como progressistas, face à crise política daquele momento (segundo a autora, real ou imaginada), passaram a enunciar um discurso neoliberal, anticorrupção e de austeridade econômica. Esta posição, que ganhou força nos últimos anos na América-Latina, ajudou a manter a diferença social, a eleger políticos associados a ideias conservadoras e a construir um sentimento de culpabilização em relação

às pessoas pobres e aos políticos. Estes seriam todos corruptos – imorais – e causadores das crises econômicas e políticas dos países aqui contemplados.

No quarto capítulo do livro, aborda a relação das elites com práticas de dentro, de si, de autoconhecimento, como necessárias a uma “evolução” e a um maior conhecimento de seus privilégios. Segundo o levantamento, os personagens analisados consideravam que, em função da consciência de sua riqueza e privilégios, estavam vivendo de forma ética e moral, capazes de sanar as desigualdades sociais e raciais dentro de si. A autora parte do conceito de distinção de interioridade – que, segundo ela, se assemelha ao Pierre Bourdieu – para analisar as práticas de parentalidade voltadas ao autoconhecimento e evolução interior que reforçavam entres as elites seu privilégio branco, diferenciando através de hábitos a criação de seus filhos para de outras crianças. Essas famílias se aproximavam de terapias orientais (como yoga) para ressaltar sua evolução espiritual; os pais assumiam uma posição de masculinidade sensível como uma evolução e demonstração de equidade de gênero; além da busca pela internacionalização por meio de viagens familiares, relações de amizades como forma de conhecer novas realidades do mundo. Segundo a autora essas formas de evolução representavam a revolta das elites cosmopolitas em relação as formas políticas e sociais corruptas – que representavam a falta de consciência e do verdadeiro cuidado.

Essas famílias, por meio da Psicologia e das práticas de interioridade, buscavam, no caso de Ipanema, uma afinidade de relações entre as classes sociais e as raças que pais, mães, filhos e filhas tinham com os que ocupavam a praia de Ipanema. No caso de El Condado, o termo utilizado foi o de busca de pessoas “simples” que não ostentam ou não esbanjam a riqueza como esnobes. Tal atributo era proposto e elaborado pela educação escolar, importante ponto sobre o qual reflete Ramos-Zaya. Ali também, como no Brasil, segundo a autora, o processo de escolha das escolas se pautava na política neoliberal. Essas escolas se tornaram para essas elites espaços de multiplicação de relações de amizade entre adultos e crianças (que poderiam durar e gerar bons “frutos” no futuro).

As elites cosmopolitas fomentaram a lógica liberal ao assumirem que seus privilégios enquanto classe e raça ocorrem devido a essa evolução espiritual que representava o “trabalho duro”, consideravam que é essa prática de parentalidade ao criar os filhos que os distingue de outras famílias, pois nessa visão, qualquer um pode buscar essa evolução. É essa elite que considera que soube aproveitar seu privilégio para “evoluir” e assumir uma posição mais ética e moral. Entretanto, não assumem que é devido seu privilégio de classe que permite o tempo e dinheiro para investir em viagens, em terapias alternativas (que permitirão, inclusive, desconstruir práticas consideradas tóxicas, como a masculinidade machista), e em escolas que aproximem as crianças de determinados *habitus* e redes. Segundo Ramos-Zaya, essa visão transformava, por parte das elites, um problema social de classe e raça, e uma questão psicológica, pois somente quem buscou a evolução espiritual alcança uma reformulação de redes e consegue criar e desenvolver

financeiramente, com projeto cooperativos e capitalistas, alcançando o que chamam de milagre.

Observa-se que as elites buscaram fortalecer a distinção através de uma moral meritocrática. Essa característica encontra ainda mais força na relação geracional, pois a geração mais velha – avôs e avós – ostentava uma cultura de consumo, enquanto as gerações dos pais e mães entendiam que a moral estava no imaterial e tentavam passar essa cultura a seus filhos. Os estilos de vida e os bens materiais eram repassados de uma geração a outra, insistindo-se no sentido de se buscar desenvolver o sentimento de merecimento e trabalho duro junto aos membros mais jovens da família. Assim, os recursos econômicos e a branquitude continuam como características do grupo social a partir da ressignificação das relações sociais no âmbito das famílias de elite urbanas.

No último capítulo - *Desigualdades afectivas* -, Ramos-Zaya foi capaz de mostrar como as relações das elites seguem um padrão histórico de racismo, que provém da escravidão e servidão da população migrante oriunda da diáspora africana. Mesmo com alto grau de instrução escolar, as mulheres negras, nordestinas ou migrantes trabalham como babás, responsáveis por educar – dentro da moral e dos costumes da elite – as crianças. Novas dinâmicas de relação racial são estabelecidas, mas sem abandonar o já antigo e geracional privilégio branco.

A primazia desse trabalho está no alcance da pesquisadora, que mergulha nesse mundo das elites e oferece a possibilidade de “ver de dentro” as relações e discursos das famílias de elite e sua continuidade a partir da criação de seus filhos e filhas. Essas crianças e famílias são preparadas como sujeitos moral e eticamente educados, que reconhecem seus privilégios de classe social e de raça, mas como uma conquista individual que não deve ser questionada. Gostaria pensar e questionar, e a vozes e experiências das crianças? (Sosenski, 2016), esse poderia ser um ponto relevante para futuros estudos das elites, considerando as crianças não como sujeitos passivos a todas essas práticas, mas sim enquanto agentes.

Assim, o trabalho da autora estimula mais pesquisas em ciências humanas e, particularmente, a se estudar e a se tentar compreender as camadas sociais da burguesia e das elites para se entender seus modos, ou hábitos, de manutenção e autorregularão enquanto classe, além de uma atenção especial para redes de sociabilidades que geram e influenciam práticas sociais e políticas desse grupo.

Esse trabalho se tornará ainda mais rico se associado a estudos históricos que identifiquem os processos de mudança das elites e sua construção e/ou constituição. Assim como afirmou a autora, as elites estão em constante mudança, construindo “exemplos” de vida e de modos de ser que influenciam a sociedade e a política, embora sempre buscando diferenciar-se das camadas populares por seus particulares *habitus*.

Referências bibliográficas

RAMOS-ZAYAS, Ana. **Crianza de imperios**: clase, blanquitud y la economía moral del privilegio en América Latina. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Clacso, 2023. 401p. Tradução de: Sofía Maranesi.

SOSENSKI, Susana. Dar casa a las voces infantiles, reflexiones desde la historia. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud: Niñez e juventud, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 43-52, 13 jan. 2016. Fundacion Cinde.